



O que é **ESPIRITISMO?**

O que é Espiritismo?

Editora **Editor e Diretor de arte:** Victor Rebelo
Jornalista: Érika Silveira
Diagramador: Marcelo Correia

Rua Curupira, 101 - Mooca - CEP 03179-140 - São Paulo - SP
Fone: (11) 6605-4651 - rcespiritismo@terra.com.br

PROGRAMA

Música & Mensagem

Apresentação

Victor Rebelo

Espiritismo, músicas,
entrevistas, auto-ajuda
e estudo das religiões

Aos domingos,
Às 20 horas
Rádio Mundial
95,7 FM (SP)
e 92,5 FM

Revista Cristã de

ESPIRITISMO

Nas bancas de todo Brasil

O que é Espiritismo?

Textos de:

Victor Rebelo

Edvaldo Kulcheski

Érika Silveira

Índice

1 - Introdução	06
2 - Espiritualismo e espiritismo	13
3 - Quem são os espíritos?	15
4 - O que é mediunidade?	18
5 - Como surgiu o espiritismo?	22
6 - Quem foi Allan Kardec?	32
7 - O Livro dos Espíritos	52
8 - O Livro dos Médiuns	58
9 - O Evangelho Segundo o Espiritismo	62
10 - O Céu e o Inferno	66
11 - A Gênese	70
12 - Obras Póstumas	74
13 - O espiritismo e a ciência	75
14 - Léon Denis	92
15 - Conan Doyle	98
16 - Chico Xavier	102
17 - Resumo teórico da Doutrina Espírita (extraído de O Livro dos Espíritos)	114

Introdução

Muitos questionam se a doutrina espírita pode ser entendida como uma religião. Primeiramente, lembremos que a palavra religião vem do termo em latim *religare*, que significa religar, assim como o termo sânscrito *yoga*, que significa união. Mas religar com o quê? Resumidamente, eu diria: com Deus. Neste sentido o espiritismo é uma religião, pois sua proposta tem esse objetivo maior. Porém, quando pensamos que uma religião geralmente é formada por sacerdotes, possui determinados rituais e dogmas, então podemos dizer que a doutrina espírita não é uma religião, pois oficialmente, Kardec, o codificador do espiritismo, não deixou nada disso. Por isso, muitos preferem dizer que a

doutrina espírita possui três aspectos: o científico, o filosófico e o moral, ao invés de religioso. Mas não importa, pois é apenas uma questão de ponto de vista.

Quando dizemos que no espiritismo não existem rituais, não significa que os mesmos sejam inúteis. Muito pelo contrário, sabemos que através de determinados rituais, quando praticados de forma sincera e vivenciada, e não apenas mecanicamente, podemos despertar sentimentos benéficos e transcendentes, assim como manipular determinadas energias curativas. Isso quando praticados de forma positiva, sem sentimentos egoístas.

O espiritismo tem um objetivo: despertar as consciências humanas para uma realidade maior. A proposta dos espíritos era trazer ensinamentos que fossem direto ao ponto, desviando-se de determinadas rotas, não que sejam inúteis, como já explicamos, mas que deveriam ser dispensadas, devido ao contexto científico em que a doutrina espírita estava inserida. Como o mundo ocidental, na-

quela época, estava saturado de rituais praticados de forma mecânica, pois muitas pessoas já não encontravam mais respostas para suas aflições íntimas nas religiões dominantes (catolicismo e protestantismo, no Ocidente), os espíritos ligados à codificação espírita não deixaram nenhum ritual imposto.

Com relação ao corpo sacerdotal, uma vez que os ensinamentos foram transmitidos através de diversos médiuns, do mundo inteiro, não seria justo escolhermos apenas algumas pessoas para atuarem como “representantes divinos”. A todos cabe a missão de divulgar a verdade ao homem, mediunicamente ou não, assim como a todos cabe a tarefa da autotransformação. Lembremos que nem Kardec se considerou o “dono” da doutrina espírita, pois a chamou de espiritismo e não de “kardecismo”.

Portanto, podemos considerar o espiritismo também como uma religião, não no sentido ritualístico e sacerdotal, mas em seu sentido mais profundo, que é o religare.

Mas o espiritismo é uma religião cristã? É cristã, mas também está além do cristianismo.

É cristã porque utiliza, como base moral, os ensinamentos de Jesus, o Cristo.

Porém, precisamos ter uma compreensão do Cristo que seja distante dos apegos infantis do fanatismo religioso. Se formos comparar a essência dos ensinamentos de Jesus, veremos que estão perfeitamente de acordo com os de Sidartha Gautamma, o Buda que encarnou 500 anos antes de Jesus. O mesmo ocorre se compararmos com os ensinamentos de Krishna e Lao-Tze. Portanto, o fato da doutrina espírita se apoiar no cristianismo não significa que ela esteja em desacordo com outras doutrinas religiosas.

Vale lembrar, também, que o cristianismo exerce sua força no Ocidente, portanto, dificultaria ainda mais sua aceitação se ao invés de falar de Jesus, os espíritos consoladores tivessem tomado como base religiosa o budismo, por exemplo.

O consolador prometido

Segundo os espíritos que participaram da codificação, o espiritismo é o Consolador Prometido por Jesus. Faz parte de uma trilogia: primeiro, a lei de Moisés. Depois, Jesus, que de forma magistral, completou e reavaliou determinados pontos da lei mosaica e agora, o espiritismo, que vem no tempo oportuno aprofundar e esclarecer certos pontos dos ensinamentos cristãos que ficaram obscurecidos ou foram deturpados pela Igreja. E os precursores disso tudo estavam na Grécia: Sócrates e Platão.

“Se vós me amais, guardais meus mandamentos; e eu pedirei a meu Pai, e ele vos enviará um outro consolador, a fim de que permaneça eternamente convosco: o Espírito de Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis porque permanecerá convosco e estará em vós. Mas o consolador, que é o Santo-Espírito, que meu

Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo aquilo que eu vos tenha dito” (São João, cap. XIV, v. 15-17, 26).

O espiritismo tem como base a experimentação científica, ainda que, oficialmente, os homens da ciência não reconheçam

No início de seu desenvolvimento, grandes pesquisadores, reconhecidos mundialmente, se propõem a estudar e experimentar os fenômenos espíritas com o objetivo de ridicularizar o espiritismo, porém, conforme se aprofundavam em suas pesquisas, ficavam cada vez mais convencidos da veracidade dos fatos. Isto aconteceu com o próprio Kardec, que foi quem desenvolveu os fundamentos básicos da doutrina.

Católicos e protestantes afirmam que o espiritismo é coisa do demônio. Então eu pergunto: Por que Deus, em sua infinita bondade e sabedoria, permitiria que somente o “demônio” pudesse se comunicar com os homens? Por que os anjos ou espíritos benfeitores

res também não teriam esse direito? Afinal, o que mais o homem necessita é de inspiração ao Bem e não ao Mal.

Como você observou, amigo leitor, o espiritismo precisa ser estudado, compreendido e, caso você o aceite, vivenciado.

O objetivo deste livro é dar uma base geral para que possa se aprofundar.

Você tem o direito de discordar das informações que lerá a seguir, mas antes de opinar deve conhecer a fundo o assunto, caso contrário, não estará sendo honesto consigo mesmo.

Que Deus nos abençoe!

Victor Rebelo

12/06/2004

Espiritualismo e espiritismo

Para explicarmos o que é e como surgiu o espiritismo, precisamos, antes de tudo, fazer como Allan Kardec fez em *O Livro dos Espíritos*: explicar a diferença entre espiritismo e espiritualismo.

Espiritualismo é toda doutrina que afirma que existe “algo” além da matéria, ou seja, que o homem possui uma alma e esta sobrevive após a morte do corpo, independente da região onde passará a habitar. Catolicismo, protestantismo, hinduísmo, budismo, umbanda, judaísmo, islamismo, taoísmo etc e o próprio espiritismo são alguns exemplos de doutrinas espiritualistas. Porém, se as doutrinas religiosas possuem alguns pontos em comum – que fazem parte da sabedoria de todos os povos e culturas – existem outros pontos que, entre uma doutrina e ou-

tra, são discordantes. Por exemplo: o catolicismo não aceita a idéia de reencarnação (atualmente, pois, antes do Concílio de ????) aceitava) mas o espiritismo, a umbanda, o budismo e outras religiões sempre aceitaram. Portanto, podemos dizer que toda religião é espiritualista, porém, cada uma possui sua doutrina própria. O espiritismo é uma doutrina espiritualista, cuja base doutrinária está nas obras de Allan Kardec.

**Todo espírita é espiritualista, mas
nem todo espiritualista é espírita!**

Quem são os espíritos?

Não foi Kardec quem inventou os espíritos, sabe por quê? Porque todos nós somos espíritos. Espírito é aquela essência que sobrevive à morte do corpo carnal, ou seja, tanto os vivos (encarnados) quanto os mortos (desencarnados) são espíritos. Porém, o espiritismo, quando fala em espírito, se refere aos “mortos”. Quando o espírito está encarnado, dizemos que se trata de uma alma encarnada. Se, desde o início da história da humanidade nós morremos – pois está é uma lei que rege a vida aqui na Terra – desde o princípio existem espíritos. É óbvio, não é?

Encarnado = “vivo”

Desencarnado = “morto”

Perispírito

O espírito, em si, não tem forma definida e transcende a matéria. É como que uma centelha divina, um “clarão”. A origem de todos os espíritos está na Causa Primária de tudo, no Absoluto, em Deus. Para que o espírito possa se manifestar nos planos materiais, desde os mais sutis até os mais densos, como é o nosso caso, ele precisa de “corpos” para se expressar. Para poder se expressar neste nível físico denso, precisa do corpo carnal. Mas entre o espírito, que não tem forma definida, e o corpo físico, existem outros corpos que são intermediários, pois a natureza não dá saltos, tudo é gradativo.

O perispírito é um corpo sutil, fluídico, vaporoso, que toma a forma humana e pode se apresentar em variados graus de densidade energética. É invisível aos olhos do corpo, mas os médiuns de clarividência podem vê-lo. As energias partem das camadas mais profundas do Ser até o corpo físico e vice-

versa passam pelo perispírito.

Quando vemos um espírito, seja em sonhos ou em estado de vigília, ocasionalmente, é o perispírito dele que enxergamos.

Hoje, seu corpo mais denso de expressão é o corpo físico. Quando você desencarnar, será através do perispírito que você se manifestará, pois ele não desaparece com a morte do corpo carnal.

Assim como o germe de um fruto é envolvido pelo perisperma, da mesma forma o Espírito propriamente dito está revestido de um envoltório que, por comparação, pode-se chamar de perispírito

O que é mediunidade?

Os fundamentos que compõem a base da doutrina espírita foram passados por espíritos através da mediunidade. Mediunidade é a faculdade que certas pessoas possuem que lhes permite entrar em sintonia e comunicação com os espíritos. Para que uma pessoa seja dotada desta capacidade é preciso que seu perispírito¹ tenha sido devidamente preparado antes que ela reencarnasse. Ainda que os graus de sintonia espiritual sejam variados, para que alguém possa ser considerado médium, sua mediunidade deve se apresentar de forma ostensiva, ou seja, bastante clara. Portanto, nem todos os espíritos que reencarnam são preparados e terão condições para atuarem como médiuns de forma ostensiva, porém, todos possuem, ainda que em estado latente, a mediunidade, pois isso é algo inerente ao espírito.

A intuição é o tipo de mediunidade mais

comum e, ainda que uma vez na vida e num grau muito pequeno, todos já recebemos a intuição de algum espírito, porém, como ela chega na forma de pensamentos ou sentimentos, fica difícil percebermos quando são nossos (animismo) ou quando partem de um espírito (mediunismo).

Povos antiqüíssimos, como os africanos e os indígenas, praticavam seus rituais, em que o sacerdote da tribo, também conhecido como pajé ou xamã, em sintonia com determinadas forças da natureza, entrava em estado de êxtase profundo (animismo) e outras vezes, tornava-se passivo às influências psicomotoras de algum espírito que através dele se manifestava (mediunismo), trazendo esclarecimentos espirituais e materiais de grande importância para toda tribo. Infelizmente, grande parte destes ensinamentos espirituais foi se perdendo ao longo dos milênios e do que restou, muito foi deturpado por outros povos colonizadores. Isso aconteceu e ainda acontece com povos e culturas do mundo todo.

Portanto, médiuns existiram, existem e existirão em todas as religiões e fora delas, ainda que estes não aceitem ou não saibam a respeito de sua mediunidade.

Tipos de mediunidade

Intuição

Clarividência = ver espíritos

Clariaudiência = ouvir espíritos

Psicofonia = transmissão oral

Psicografia = transmissão pela escrita

Mediunidade de efeitos físicos = escrita direta, tipegografia, materialização entre outros

Para entender mais sobre mediunidade leia o segundo volume da Coleção Sem Mistérios – O que é mediunidade?

Não tenha medo dos espíritos.

VOCÊ é um espírito!

Está encarnado neste corpo e se esqueceu que a vida é eterna.

Amigos de outras existências estão te esperando no plano espiritual. Outros, encarnaram com você. Alguns te amam, outros nem tanto, mas todos são filhos de Deus.

Não existe castigo eterno, pois Deus é a infinita bondade.

Através da mediunidade, podes sintonizar com os espíritos.

Faça uma prece, medite e purifique seu coração com muito Amor, para que os espíritos de Luz possam te inspirar.

Como surgiu o espiritismo

Agora que você já tem uma pequena noção sobre os espíritos e a mediunidade, vamos entender como surgiu a doutrina espírita.

Já sabemos que a mediunidade existe desde tempos imemoriais, porém, podemos dizer que, no século XIX, houve uma grande onda de manifestações mediúnicas em todo mundo, a começar pelos EUA e depois Europa.

Ocorrências de ruídos estranhos, pancadas em móveis e paredes, objetos que se moviam, flutuavam ou eram arremessados no ar sem causa aparente se tornaram freqüentes.

Isso ainda não se constituía em uma prova real de que eram espíritos se manifestando, afinal, existiam e ainda existem muitas leis na natureza que o homem não compreende. Levantaram-se teses de que estes fenômenos eram obra do acaso, que ocorriam devido ao acúmulo de eletricidade ou magnetismo nos

objetos ou ao redor deles, enfim, a princípio, as explicações ficaram apenas no campo dos domínios físicos e fisiológicos.

Raps (golpes)

Nesta época, um dos fenômenos mediúnicos mais comuns era os chamados raps, golpes e pancadas, geralmente fortíssimos, que produziam um barulho estrondoso. No início, como já foi colocado, acreditava-se que estes golpes eram produzidos por alguma causa material, como a dilatação da matéria ou algum fluido oculto acumulado na mesma, porém, com o tempo, estas hipóteses foram sendo abandonadas pela maioria.

Para entendermos melhor esta questão, vamos ler a seguir um trecho do livro “O Espiritismo: remontando às origens e breve história dos raps”, do cientista e pesquisador italiano Ernesto Bozzano, publicado pela Editora O Clarim, em 1971.

“No famoso caso de assombração no vicariato de Epworth (Inglaterra) descrito pelo reverendo Wesley (fundador da seita metodista) e por membros de sua família (dos quais existem cartas sobre o assunto), o fenômeno dos “golpes” foi o primeiro que se manifestou, para logo alternar-se com pancadas e estrondos misteriosos, associados a fenômenos de telequinesia não muito agradáveis, como se levantarem camas com pessoas deitadas.

A Sra. Wesley escreveu a seu filho, com data de 12 de janeiro de 1917, o seguinte: “Na noite passada, teu pai e eu pedimos ao sr. Hoole que dormisse em casa e permanecemos acordados até as duas da madrugada, ouvindo os costumeiros raps e outros vários ruídos. Às vezes, era imitado o som produzido ao dar-se corda a um relógio de parede, outras, o ruído de um carpinteiro ao serrar uma tábua, porém, geralmente se deixavam ouvir três golpes alternados com uma pausa, o que se repetiu durante muitas horas seguidas.”

Com data de 24 de março, a srta. Suzana Wesley escrevia a seu irmão: “Ouvimos três golpes tremendos debaixo de nossos pés e, imediatamente, interrompemos as nossas costuras para nos refugiarmos em nossa cama. Logo se fez ouvir um ruído na tranqueta, como se a estivessem manejando e, em seguida, golpes metálicos no braseirinho. Depois dessa noite, nada mais ouvimos...”

Em data de 27 de março: “Ouviram-se raps (golpes) fortes em cima e embaixo do meu quarto, depois, na cabeceira da cama das crianças. Eram os mesmos tão fortes que o leito se sacudia todo. O sr. Hoole ouviu-os do seu quarto e veio juntar-se a nós. Os golpes se repetiram em sua presença.”

No caso exposto, assim como em vários outros, se evidenciam provas de intencionalidade sob formas variadas, as quais, todavia, se mostram pouco importantes na circunstância dos golpes. O reverendo Wesley escreve a propósito: “Quando eu batia no chão com a bengala, se verificava

uma pancada igual. Quando rezávamos juntos as orações da tarde e chegávamos ao ponto em que recomendávamos a Deus, o rei e o nosso príncipe, imediatamente se ouviam golpes fortíssimos.”.

Outro caso – este se tornou o mais conhecido de todos – é o das irmãs Fox.

Em 1848, na cidade de Hydesville, EUA, estranhos fenômenos ocorrem na casa da família Fox, adeptos da igreja metodista. Fortes pancadas podiam ser escutadas no quarto das irmãs Katherine e Margareta e que se fizeram freqüentes por várias semanas.

Com o tempo, as pessoas começaram a



As irmãs Fox

As experiências

perceber que os ruídos, pancadas e movimentos que os objetos faziam no ar não eram simplesmente aleatórios. Parecia haver uma causa inteligente por trás disso tudo. Portanto, novas experiências e hipóteses, além das materialistas, começaram a ser testadas, por exemplo: fazia-se uma pergunta e a mesa levitava e batia, com um pé, um determinado número de pancadas, respondendo, desse modo, sim ou não, conforme o combinado.

Depois, desenvolveram um sistema com as letras do alfabeto para obter respostas às perguntas mais complexas: o objeto, móvel, batia um determinado número de pancadas, correspondente a uma letra do alfabeto, respondendo, dessa forma, com frases inteiras. Seria possível o acaso levantar uma mesa fazendo com que ela batesse o pé no chão algumas vezes, respondendo com frases inteiras a perguntas cada vez mais complexas?

Quando questionaram, então, quem es-

tava produzindo estes fenômenos, eis que esta causa misteriosa responde dizendo ser um espírito, dando inclusive seu nome e passando diversas informações a seu respeito.

Como podemos observar, ninguém imaginou os espíritos como causadores dos fenômenos. Foram eles que se revelaram para as pessoas.

Mas o meio de comunicação era muito demorado e foi um desses espíritos quem indicou um outro meio: o novo método consistia em se adaptar um lápis em um cesto. Este cesto, colocado sobre uma folha de papel, começava a se mover, escrevendo com o lápis preso embaixo dele. E, ao invés de rabiscos no papel, a força oculta que se manifestava fazia o cesto escrever palavras, frases e textos longos, de várias páginas, demonstrando uma inteligência fora do comum. E da maneira como os médiuns colocavam os dedos sobre o objeto seria difícil escrever uma palavra, quanto mais, textos longos. Devemos lembrar, também, que muitas das

respostas que eram dadas estavam longe do alcance intelectual das pessoas presentes na reunião. Outras vezes, a pergunta era feita em segredo, sem que os médiuns que colocavam os dedos sobre a prancheta soubessem. Como eles poderiam combinar uma resposta se nem sequer conheciam a pergunta?

A prancheta nada mais era do que um apêndice entre os dedos do médium e o lápis e logo foi posto de lado, caindo em desuso. Outros tipos de manifestação mediúnica foram sendo experimentados e analisados, como a escrita direta e a psicofonia (incorporação).

Entre os nomes importantes da ciência mundial que pesquisaram estes fenômenos, o de maior destaque é o pseudônimo do célebre professor Hippolyte Léon Denizard Rivail – Allan Kardec – que pesquisou durante anos as manifestações dos espíritos e reuniu em cinco livros os ensinamentos que julgou serem coerentes e verdadeiros, usando a lógica e a experimentação científica, toman-

do o cuidado em não aceitar orientações que poderiam se contradizer. Esses cinco livros são conhecidos como as obras básicas da doutrina espírita, são eles: O Livro dos Espíritos (1857), O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno (1865), A Gênese (1868), sem contar a publicação da Revista Espírita, iniciada em 1858. Por este trabalho, que se constitui os fundamentos da doutrina espírita, Kardec é chamado de “o codificador”.

Ainda hoje existem pessoas que se opõem à idéia da possibilidade da manifestação de espíritos, mas, como diz Kardec em O Livro dos Espíritos: “Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência de fatos, a dúvida é a opinião do sábio”. Vamos conhecer um pouco mais sobre a vida do codificador do espiritismo?



Allan Kardec

Quem foi Allan Kardec?

Em 3 de outubro de 1804, na cidade de Lyon, na França, nasce Hippolyte Léon Denizard Rivail, filho do juiz Jean Baptiste Antoine Rivail e de Jeanne Duhamel.

Quando criança, Rivail foi muito incentivado pelos pais à leitura dos grandes clássicos e, após completar os estudos secundários, partiu para a Suíça, na cidade de Yverdon, a fim de estudar na escola do maior pedagogo do século XIX – Johann Heirinch Pestalozzi.

Aos 18 anos era mestre colegial de Ciências e Letras e desde os 20 anos já escrevia livros didáticos. Muitas vezes, quando Pestalozzi viajava para divulgar sua metodologia de ensino, era Rivail quem o substituía na direção da escola.

Rivail se formou bacharel em Letras e Ciências. Falava fluentemente vários idiomas e, após ser dispensado do serviço militar, fundou, em Paris, o Liceu Polimático, uma escola nos moldes da que estudara com Pestalozzi.

O professor Rivail sempre se preocupou com o aperfeiçoamento pedagógico da educação francesa, escrevendo alguns livros sobre o tema, tendo sido premiado por seu trabalho em 1831, pela Academia Real de Arras. Nesta mesma época Rivail casa-se com a professora Amélie Gabrielle Boudet.

Quando tudo parecia bem, seu tio e sócio leva o Liceu à falência. Infelizmente, não resta ao professor outra alternativa além de pedir a liquidação da escola. Com o dinheiro da partilha, investe na casa comercial de um amigo, que logo após, abre falência.

Para sobreviver, o professor escreve livros didáticos e trabalha como contador de três firmas comerciais. Organizava, também, cursos de Física, Química, Astronomia e Anatomia Comparada, muito procurado pelos jovens na época.

*O pedagogo
Pestalozzi*



Enquanto isso, a onda de fenômenos mediúnicos vem crescendo e chamando a atenção de um número cada vez maior de pesquisadores e cientistas. Em Paris, era muito comum a ocorrência do fenômeno das mesas girantes e, em 1854, Rivail ouviu falar pela primeira vez dos tais fenômenos. Sua primeira atitude é a de ceticismo; não acreditava que era manifestação de espíritos. São palavras do próprio Rivail: “Eu creerei quando vir e quando conseguirem provar-me que uma mesa dispõe de cérebro e nervos, e que pode se tornar sonâmbula; até que isso se dê, dêem-me a permissão de não enxergar nisso mais que um conto para provocar o sono”.

Em 1855, Rivail testemunha pela primeira vez o fenômeno das mesas girantes e escreve: “De repente encontrava-me no meio de um fato esdrúxulo, contrário, à primeira vista, às leis da natureza, ocorrendo em presença de pessoas honradas e dignas de fé. Mas a idéia de uma mesa falante ainda não cabia em minha mente”. E completa: “Pela

primeira vez pude testemunhar o fenômeno das mesas que giravam e pulavam em tais condições que dificilmente poderia se acreditar serem frutos de embuste ou fraude (...). Minhas idéias longe estavam de terem sofrido uma modificação, mas em tudo aquilo que se sucedia devia haver uma explicação” (fonte: Henri Sausse, in Allan Kardec, ed. Opus).

Rivail, que sempre fora um homem sério e pesquisador, resolve descobrir a causa de tudo aquilo, repelindo as revelações, somente aceitando observações objetivas e, de certa forma, controláveis. Amigos que acompanhavam os fenômenos há cinco anos antes dele, colocam à sua disposição mais de cinqüenta cadernos contendo comunicações feitas pelos espíritos. O estudo desses cadernos foi de suma importância, convencendo-o da existência do mundo invisível e dos espíritos.

Nos cadernos, estavam anotadas as respostas que os espíritos davam, mediunicamente, às questões formuladas. Rivail refa-

zia as perguntas a outros médiuns, de localidades diferentes e desconhecidos dos primeiros. Com base nas novas respostas, o professor comparava o conteúdo e ficava perplexo com a similaridade de ambas. Ele reformulava as perguntas e, com a ajuda de amigos, apresentava as questões a outros médiuns. Com as respostas, ele fazia uma compilação, organizando por tópicos e assuntos.

Dentre os médiuns que auxiliaram Rivail nesta grandiosa tarefa, encontramos: Japhet e Roustan, médiuns intuitivos; a senhora Canu, sonâmbula inconsciente; Canu, médium de psicofonia; a sra. Leclerc, médium psicógrafa; a sra. Clement, médium psicógrafa e de incorporação; a sra. De Pleinemaison, auditiva e inspirada; a sra. Roger, clarividente; e a srta. Aline Carlotti, médium psicógrafa e de psicofonia.

Rivail, preocupado em desenvolver um trabalho realmente sério, envia perguntas para médiuns de diversos países do mundo. Ao colher as respostas, usando sua lógica e

bom senso, passa a compará-las, descartando aquelas que pareciam ser a opinião isolada de alguns espíritos ou grupo de médiuns, somente aceitando as que não contrariassem a razão e nem entrassem em discordância com a maioria.

O professor reúne as questões, acrescenta seus comentários e publica, em 18 de abril de 1857, *O Livro dos Espíritos*, que seria o marco inicial da fundação da doutrina espírita, pois os ensinamentos dos espíritos, transmitidos pelos médiuns, já poderiam ser estudados de uma metodologia útil para pessoas das mais variadas classes sócio-culturais. Porém, para que Hypollite Leon Denizard Rivail pudesse diferenciar este novo trabalho de sua obra anterior, voltada para a educação, ele resolve utilizar um pseudônimo – Allan Kardec. Este nome pertenceu a Rivail em outra encarnação, quando era um sacerdote druida. Quem sugeriu foi um espírito que se apresentou com o nome de Z e disse ter sido seu amigo naquela época.

Publicação da Revista Espírita

Em 1º de janeiro de 1858, Kardec dá início à publicação da Revista Espírita, que se tornou, na época, o mais importante órgão de divulgação da doutrina espírita na Europa e América. Segundo o pesquisador Henri Sausse “em menos de um ano, a Revista Espírita estava espalhada por todos os continentes do Globo. (...) De tal maneira aumentou o número de assinantes, que Kardec, a pedido destes, reimprimiu duas vezes as coleções de 1858, 1859 e 1860”.

Segundo Kardec, “a revista seria uma tribuna livre, mantendo o público a par de todos os progressos e acontecimentos dentro da nova doutrina e precatando-o tanto contra os exageros da credulidade quanto contra os do cepticismo”.

O primeiro endereço da revista foi o do apartamento de Kardec, na rue des Martyrs, 8.

Nela, Kardec publicava suas experiências e resultados sobre a mediunidade e o

espiritismo, em geral. Hoje, a coleção toda foi adaptada para o formato de livro e talvez possa ser encontrada na livraria da federação espírita da sua cidade.

Muitos cientistas e pesquisadores reconhecidos eram admiradores do trabalho de Kardec. Dentre eles, podemos destacar o famoso astrônomo francês Camille Flammarion, o filósofo H. Bérghson, o psicólogo e filósofo William James, o físico William Crookes, o biólogo Alfred Russel Wallace, o físico Oliver Lodge e o famoso escritor Arthur Conan Doyle, pai do personagem Sherlock Holmes. Como podemos ver, Kardec era admirado tanto pelas pessoas com menos cultura, que encontravam nele um ponto de apoio, quanto pelos homens da ciência, que o reconheciam como um pesquisador sério e dedicado.

Charles Richet, pai da fisiologia moderna, disse o seguinte sobre Kardec: “Allan Kardec foi o homem que no período de 1857 a 1871 exerceu a mais penetrante influên-

cia, e que traçou o sulco mais profundo na metapsíquica moderna”.



*Médiuns realizando as experiências
com as mesas girantes*

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Havia seis meses que Kardec estava fazendo reuniões de estudos em sua casa, e com o tempo, o espaço foi ficando pequeno diante do número crescente de adeptos e pesquisadores, portanto, em 1º de abril de 1858, Kardec funda a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em uma sala da Galerie Valois, 35, no Palais Royal, que, segundo seu fundador, tinha como objetivo “(...) o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas”. E acrescenta, ainda: “A ciência espírita compreende duas partes: uma experimental, relativa às manifestações em geral e outra, filosófica, relativa às manifestações inteligentes e suas conseqüências”.

A srta. Ermance Dufaux era a médium principal naquelas reuniões e seu pai, o sr. Dufaux, conhecia pessoalmente o chefe de

polícia. Naquela época, para se constituir legalmente uma sociedade demorava meses, mas devido a esta amizade, o tempo levado para a autorização do funcionamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas foi de menos de quinze dias, permitindo pela primeira vez a reunião dos espíritas em sociedade legalmente constituída.

Em 20 de abril de 1860 a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas se instala na Passage Sainte Anne, em Paris.

Kardec, praticamente, vivia no Sociedade, trabalhando dia e noite, às vezes pela madrugada, sem repouso, escrevendo para revistas e jornais e publicando novas obras espíritas, atendendo a visitantes e participando de reuniões.

Kardec, chegou a conversar, várias vezes, até mesmo com Napolão III, que se interessava pelos fenômenos espíritas e buscava maiores esclarecimentos acerca da doutrina exposta em O Livro dos Espíritos.

O Auto-de-fé

No dia 09 outubro de 1861, 10h30 da manhã, ocorreu um evento lamentável. Foi o famoso auto-de-fé, promovido pela igreja católica na cidade de Barcelona, na Espanha. Neste evento, foram queimadas em praça pública cerca de trezentas publicações espíritas. Estas obras tinham sido encomendadas a Kardec pelo livreiro e bibliotecário Maurício Lachâtre, e foram enviadas de forma legal, com todas as taxas de importação pagas pelo destinatário às autoridades espanholas. Porém, Lachâtre nunca as recebeu, pois o bispo de Barcelona as confiscou, com a seguinte justificativa: “A Igreja Católica é universal, e estes livros são contrários à fé católica, não podendo o governo permitir que eles passem a perverter a moral e religião de outros países” .

No fim, o efeito foi contrário ao do que o bispo esperava: a queima em praça pública dos livros espíritas despertou ainda mais a curiosidade das pessoas, conquistando mais

adeptos para o espiritismo.

“Assistiram ao auto-de-fé:

Um padre, com seus hábitos sacerdotais, tendo, em uma das mãos, a cruz e, na outra, uma tocha.

Um tabelião, encarregado de redigir o processo verbal do auto-de-fé e o assistente do tabelião.

Um funcionário superior da administração das alfândegas e três serventes da alfândega, com a função de alimentar o fogo.

Um agente da alfândega, representando o proprietário das obras condenadas e uma incalculável multidão, que se fez presente, enchendo os passeios, cobrindo a esplanada onde ardia a fogueira.

Após o fogo ter consumido os trezentos volumes e brochuras espíritas, o sacerdote e seus auxiliares retiraram-se cobertos pelas vaias e maldições dos inúmeros assistentes, que bradavam: Abaixo a inquisição!

Depois, muitas pessoas, em protesto, aproximaram-se e apanharam as cinzas”.



O desencarne

Kardec passou o resto de sua vida divulgando os resultados de seus estudos e os de outros colegas. Fez inúmeras viagens pela França e Bélgica, entre 1859 a 1868, escrevendo várias brochuras e artigos para a divulgação do espiritismo.

Manteve-se à frente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e desencarnou no dia 31 de março de 1869, aos 65 anos, quando estava finalizando os preparativos para mudança de residência, vítima de um aneurisma. Foi enterrado dois dias depois, no cemitério de Montmartre. O famoso astrônomo Camille Flammarion fez o discurso, ressaltando o importante papel de Kardec no pensamento científico e filosófico mundial. Seus despojos mortais foram transferidos, em 1870, para o famoso cemitério Père Lachaise, repousando até os dias de hoje.

É importante lembrarmos, também, de Amélie Gabrielle Boudet, esposa dedicada de

Kardec, que era professora de letras e belas artes, tendo escrito três livros.

Casou-se com Kardec em 06 de fevereiro de 1832. Amélie, nove anos mais velha que o marido, esteve a seu lado o tempo todo, auxiliando-o nos cursos e outros trabalhos desenvolvidos por ele, assim como, amparado-o nos momentos difíceis.

Quando Kardec desencarnou, a sra. Amélie estava com 74 anos, desencarnando em 1883, aos 88 anos.

Apesar de Kardec não ter deixado herdeiros diretos, deixou sua obra como herança para toda a humanidade, tendo sido traduzida para mais de quinze idiomas. Seu trabalho é de valor imensurável, para todos aqueles, espíritas ou não, que desejam sinceramente conhecer mais a fundo o mundo dos espíritos e sua comunicação com os homens.

As obras básicas

O Livro dos Espíritos

O Livro dos Espíritos é o livro básico do espiritismo. Nele estão os fundamentos da filosofia espírita.

Ele é dividido em quatro partes:

- As causas primeiras
- O mundo espírita ou dos espíritos
- As leis morais
- Esperanças e consolações

Podemos encontrar os seguintes temas, entre outros assuntos: prova da existência de Deus; espíritos e matéria; formação dos mundos; origem e natureza dos espíritos; perispírito; objetivos da encarnação; sexo nos espíritos; percepções, sensações e sofrimentos dos espíritos; aborto; sono e sonhos; influência dos espíritos nos acontecimentos da vida; pressentimentos; espíritos protetores, os reinos da natureza e outros temas.

Com relação às leis morais, podemos encontrar temas como: o bem e o mal; a prece; a necessidade do trabalho; casamento; celibato; necessário e supérfluo; pena de morte; influência do espiritismo no progresso da humanidade; desigualdades sociais; igualdade dos direitos do homem e da mulher; livre-arbítrio e conhecimento de si mesmo.

A última parte refere-se aos temas: perdas de entes queridos, temor da morte; suicídio; natureza das penas e gozos futuros; paraíso, inferno e purgatório.

Os ensinamentos contidos em O Livro dos Espíritos antecederam várias questões abordadas mais tarde pela ciência. Por exemplo, o tema evolução das espécies vivas, explicado pelos espíritos e comentado por Kardec foi publicado nesta obra um ano antes do famoso livro A origem das espécies, de Charles Darwin. A identidade entre matéria e energia (chamado por Kardec de fluido universal), que se diferenciam entre si apenas por um estado de condensação da ener-

gia foi abordado muito antes de Albert Einstein. Inclusive, o conceito de Fluido Universal é muito parecido com o conceito de orgônio, dado por Wilhelm Reich, pai da bioenergética. Sem contar a idéia de animismo, que antecedeu Freud em cerca de dez anos, quando este defendeu o conceito de inconsciente.

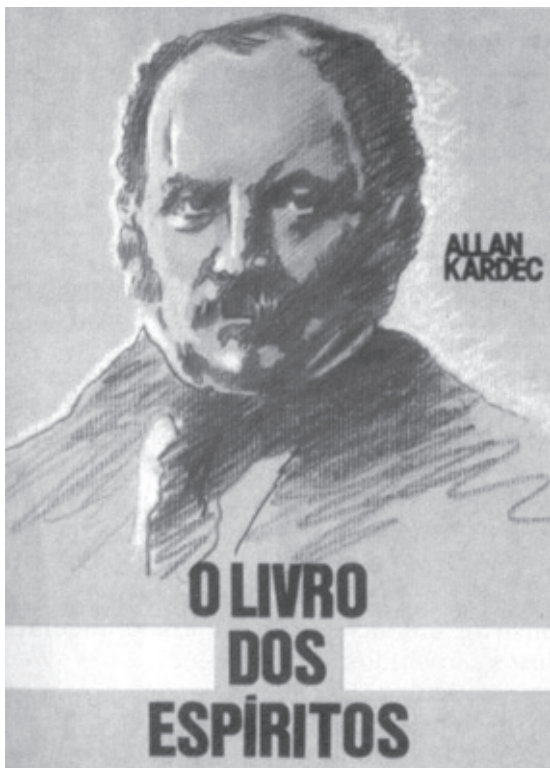
O Livro dos Espíritos é um trabalho grandioso, coordenado e adaptado por um homem sério e de respeito, que tem como objetivo esclarecer as pessoas sobre sua real identidade: a de espíritos imortais, que buscam através das reencarnações, na Terra ou em outros planetas, sua evolução, a fim de refletirem cada vez mais a imagem e semelhança com Deus que cada um traz em si. É a base para quem quer começar a estudar o espiritismo.

Isso tudo e muito mais faz de O Livro dos Espíritos uma obra atual, que deve ser estudada por todo pesquisador que almeje se aprofundar nas questões da matéria e da alma, independente da religião que este adote.

Trecho de O Livro dos Espíritos:

“O sonho liberta, em parte, a alma do corpo. Quando se dorme, se está momentaneamente, no estado em que o homem se encontra, de maneira fixa depois da morte. Espíritos que se desligam logo da matéria, em sua morte tiveram sonhos inteligentes; estes, quando dormem, reúnem-se à sociedade de outros seres superiores a eles. Com eles, viajam, conversam e se instruem, trabalhando mesmo em obras que encontram prontas quando morrem. Isto deve vos ensinar, uma vez mais, a não temer a morte, pois que morreis todos os dias, segundo a palavra de um santo. Isso para os Espíritos elevados. Todavia, a massa dos homens que, na morte, deve ficar longas horas em perturbação, nessa incerteza da qual vos falaram, esses vão, seja para mundos inferiores à Terra, onde velhas afeições os evocam, seja a procurar os prazeres que podem ser mais inferiores que aqueles que têm aí. Eles vão haurir doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas

que as que professam em vosso meio. O que gera simpatia sobre a Terra não é outra coisa que o fato de se sentirem, ao despertar, ligados pelo coração àqueles com quem passaram oito ou nove horas de felicidade ou de prazer. Isso explica também as antipatias invencíveis, pois sabem no fundo do seu coração que essas pessoas de lá tem uma consciência diversa da nossa e a conhecem sem as ter visto jamais com os olhos. Explica, ainda, a indiferença, visto que não se deseja fazer novos amigos quando a gente sabe que existem outras pessoas que nos amam e nos querem. Em uma palavra, o sono influi mais do que pensais sobre vossa vida”.



O Livro dos Espíritos (IDE Editora)

O Livro dos Médiuns

Em 1861, Kardec traz a público seu novo trabalho – O Livro dos Médiuns – realizado com a mesma seriedade e forma metodológica de seu antecessor.

Reúne os ensinamentos dos espíritos sobre os gêneros de manifestações mediúnicas, os meios e seu desenvolvimento, assim como dificuldades e cuidados que o médium deve ter. É formado por duas partes:

- Noções preliminares
- Manifestações espíritas

Dentre os temas que aborda, podemos encontrar: provas da existência dos espíritos; o maravilhoso e o sobrenatural; modos de se proceder com os materialistas; três classes de espíritas; a ordem a que devem obedecer os estudos espíritas; a ação dos espíritos sobre a matéria; manifestações inteligentes; as mesas girantes; manifestações físicas e visuais; bicorporiedade, psicografia, laboratório do mundo invisível; ação curadora; lugares as-

sombrados; tipos de médiuns e sua formação, perda e suspensão da mediunidade; inconvenientes e perigos da mediunidade; a influência do meio e a moral do médium nas comunicações espíritas; a mediunidade nos animais; obsessão e meios de a combater; também trata de assuntos relacionados à identidade dos espíritos; às evocações de pessoas vivas; à telegrafia humana, e outros temas, sempre com base experimental e científica.

Também tem capítulos dedicados às reuniões nas sociedades espíritas e ao regulamento oficial da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Como podemos observar, O Livro dos Médiuns é a base experimental da ciência espírita. Embora publicado há mais de 130 anos seu conteúdo ainda é atual.

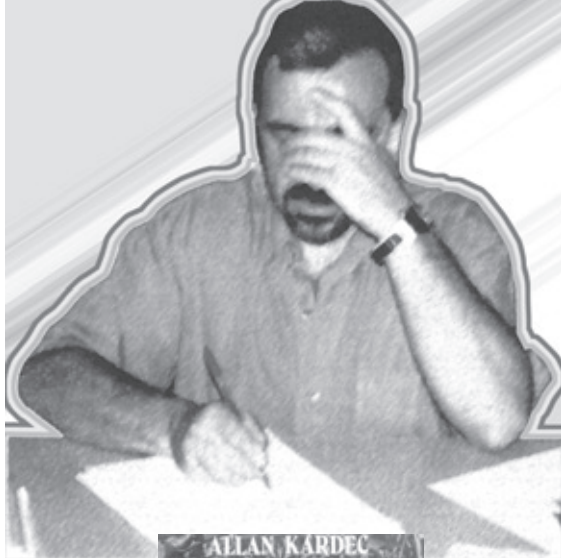
Trecho de O Livro dos Médiuns:

“Diariamente, a experiência confirma a nossa opinião de que as dificuldades e desilusões encontradas na prática espírita decorrem

da ignorância dos princípios doutrinários.

Sentimo-nos felizes ao verificar que foi eficiente o nosso trabalho para prevenir os adeptos para os perigos do aprendizado, e que muitos puderam evitá-los, com leitura desta obra.

Muito natural o desejo dos que se dedicam ao Espiritismo, de entrarem pessoalmente em comunicação com os espíritos. Esta obra destina-se a facilitar-lhes isso, permitindo-lhes aproveitar os frutos de nossos longos e laboriosos estudos. Pois bem errado andaria quem julgasse que, para tornar-se perito no assunto, bastaria aprender a pôr os dedos numa mesa para fazê-la girar ou pegar um lápis para escrever. Igualmente se enganaria quem pensasse encontrar nesta obra uma receita universal infalível para fazer médiuns. Embora cada qual já traga em si mesmo os germes das qualidades necessárias, essas qualidades se apresentam em graus diversos, e o seu desenvolvimento depende de causas estranhas à vontade humana. (...)"



O Livro dos Médiuns (LAKE Editora)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Se O Livro dos Espíritos apresenta a base da filosofia espírita e O Livro dos Médiuns da ciência, O Evangelho Segundo o Espiritismo oferece o roteiro da religião espírita.

Na introdução deste livro Kardec explica o objetivo da obra, esclarece sobre a autoridade da doutrina espírita e o significado de muitas palavras geralmente utilizadas nos textos evangélicos.

Ainda na introdução, explica por que Sócrates e Platão podem ser considerados os precursores do espiritismo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo é composto de vinte e oito capítulos, 27 dos quais dedicados à explicação das máximas de

Jesus, sua concordância com o espiritismo e sua aplicação às diversas situações da vida.

No último capítulo encontramos uma coletânea de preces espíritas. Lembremos, porém, que são apenas sugestões, pois de nada adianta orarmos repetindo palavras vazias de sentimento. O essencial, é a prece feita com fé.

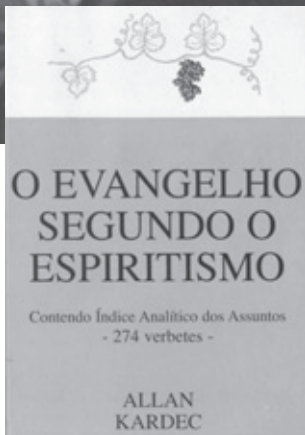
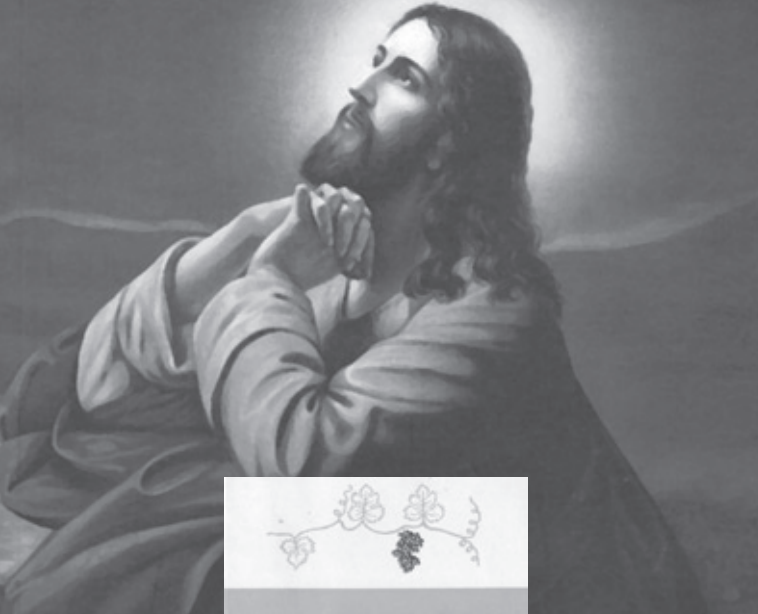
É um livro que apresenta explicações dos espíritos, restabelecendo os ensinamentos do evangelho de Jesus, no seu verdadeiro sentido, isto é, em espírito e verdade.

Sua leitura e estudo são imprescindíveis aos espíritas e a todos que se preocupam com a formação moral das criaturas, independente da crença religiosa. É fonte inesgotável de sugestões para a construção de um mundo de paz e fraternidade.

Trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo:

“Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos evangelhos: os atos

comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para juramento de seus dogmas; e o ensino moral. (...) Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível a lei evangélica, que os próprios espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As instruções que promanam dos espíritos são verdadeiramente as vozes do céu que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho."



O Evangelho Segundo o Espiritismo (IDE)

O Céu e o Inferno

Publicado em agosto de 1865, denominado também de “A Justiça Divina segundo o Espiritismo”. Oferece o exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual.

Na primeira parte, encontramos vários assuntos: causas do temor da morte, porque os espíritas não temem a morte, o céu, o inferno, o inferno cristão imitando do pagão, os limbos, quadro do inferno pagão, esboço do inferno cristã, purgatório, doutrina das penas eternas, código penal da vida futura, os anjos segundo a igreja e segundo o Espiritismo; aborda também vários pontos relacionados com a origem da crença nos demônios, segundo a igreja e o Espiritismo, intervenção dos demônios nas modernas manifestações, a proibição de evocar os mortos.

A segunda parte deste livro é dedicada ao passamento. Kardec reuniu várias dissertações de casos reais para demonstrar a situação da alma durante e após a morte física, tudo para compreendermos a ação da Lei de Causa e Efeito, em perfeito equilíbrio com as Leis Divinas; assim, constam desta parte, narrações de espíritos infelizes, espíritos em condições medianas, sofredores, suicidas, criminosos e espíritos endurecidos.

O Céu e Inferno explica o mecanismo pelo qual se processa a Justiça Divina, em concordância com o princípio evangélico: “A cada um, segundo sua obras”.

A seguir um trecho do primeiro capítulo:
“Vivemos, pensamos e operamos – eis o que é positivo. E que morremos, não é menos certo.

Mas, deixando a Terra, para onde vamos? Que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? Ser ou não ser, tal a alternativa. Para sempre ou para

nunca mais; ou tudo ou nada: viveremos eternamente, ou tudo se aniquilará de vez? É uma tese, essa, que se impõe.

Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar e ser feliz. Dizei a um moribundo que ele viverá ainda; que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo que será mais feliz do que porventura o tenha sido, e o seu coração rejubilará.

Mas, de que serviriam essas aspirações de felicidade, se um leve sopro pudesse dissipá-las?

Haverá algo de mais desesperador do que esse pensamento da destruição absoluta? Afeições caras, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquiridos, tudo despedaçado, tudo perdido! De nada nos serviria, portanto, qualquer esforço no sofreamento das paixões, de fadiga para nos ilustrarmos; de devotamento à causa do progresso, desde que de tudo isso nada aproveitássemos, predominando o pensamento de que amanhã mesmo, talvez, de nada nos ser-

viria de tudo isso. Se assim fora, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do bruto, porque este vive inteiramente do presente na satisfação dos seus apetites materiais, sem aspiração para o futuro. Diz-nos uma secreta intuição, porém, que isso não é possível.

Pela crença no nada, o homem concentra todos os seus pensamentos, forçosamente, na vida presente.

Logicamente não se aplicaria a preocupação de um futuro que se não espera [...]”.



O Céu e o Inferno (FEB Editora)

A Gênese

Publicado em janeiro de 1868, esta obra, como diz Kardec, é mais um passo no terreno das conseqüências e das aplicações do espiritismo. Estuda três pontos, conforme seu título indica: a Gênese, os milagres e as predições, em suas relações com as novas leis decorrentes da observação dos fenômenos espíritas.

Assim, em seus dezoito capítulos, destacam-se os temas: caráter da revelação espírita; existência de Deus; origem do bem e do mal; destruição dos seres vivos uns pelos outros; refere-se à uranografia geral, com várias explicações sobre leis naturais; a criação e a vida no universo; a formação da Terra; o dilúvio bíblico e os cataclismos futuros; em seguida, apresenta interessante estudo sobre a formação primária dos seres vivos. O princípio vital; a geração espontânea; o homem corpóreo e a união espiritual à matéria.

Com relação aos milagres, expõe am-

plo estudo teológico e na interpretação espírita; faz comentários sobre os fluidos, sua natureza e propriedades, relacionando-os com a formação do perispírito, e, ao mesmo tempo, com a causa de alguns fatos tidos como sobrenaturais.

Desta forma, explica vários “milagres” contidos nos evangelhos, entre eles: o cego de Betsaida; os dez leprosos; o cego de nascença; o paralítico da piscina; Lázaro, Jesus caminhando sobre as águas; a multiplicação dos pães e outros.

Posteriormente, expõe a teoria da presciência e as predições do evangelho, esclarecendo suas causas, à luz da doutrina espírita.

Finalizando, este livro, apresenta um capítulo intitulado “São chegados os tempos”, no qual aborda a marcha progressiva do globo, no campo físico e moral, impulsionada pela lei do progresso.

Com este livro, fica completo o conjunto das cinco obras básicas da codificação espírita.

A seguir, um trecho do livro:

“Dois elementos, ou, se quiserem, duas forças regem o universo: o elemento espiritual e o elemento material. Da ação simultânea desses dois princípios nascem fenômenos especiais, que se tornam naturalmente inexplicáveis, desde que abstraia de um deles, do mesmo modo que a formação da água seria inexplicável, se se abstraísse de um de seus elementos constituintes: o oxigênio e o hidrogênio.

Demonstrando a existência do mundo espiritual e suas relações com mundo material, o espiritismo fornece a chave para a explicação de uma imensidade de fenômenos incompreendidos e considerados, em virtude, mesmo dessa circunstância, inadmissíveis, por parte de uma certa classe de pensadores. Abundam nas escrituras esses fatos e, por desconhecerem a lei que os rege, é que os comentadores, nos dois campos opostos, girando sempre dentro do mesmo círculo de idéias, fazendo, uns, abstração dos dados

positivos da ciência, desprezando, outros, o princípio espiritual, não conseguiram chegar a uma solução racional. Essa solução se encontra na ação recíproca do espírito e da matéria. É exato que ele tira à maioria de tais fatos o caráter de sobrenaturais. Porém, que é o que vale mais: admiti-los como resultado das leis da natureza ou repeli-los?"



A Gênese (Lake Editora)

Obras póstumas

Em 1890, 21 anos após o desencarne de Kardec, foi publicado o livro Obras Póstumas.

Nele, podemos encontrar a biografia do codificador, que foi transcrita da Revista Espírita, assim como o discurso de Camille Flammarion no túmulo de Kardec, em maio de 1869, no dia de seu sepultamento.

Ainda podemos encontrar nesta obra, vários estudos sobre a beleza, Deus, a alma, a natureza do Cristo, a música celeste, o perispírito como princípio das manifestações visuais, transfiguração e emancipação da alma, estudo da fotografia e telegrafia do pensamento e vários outros temas.

Na segunda parte, lemos sobre a iniciação de Kardec no espiritismo, sua missão, a identificação de seu Guia espiritual e outros fatos relacionados a acontecimentos pessoais.

É um livro que deve ser estudado, além das cinco obras básicas, por todos que desejam entender profundamente o espiritismo.

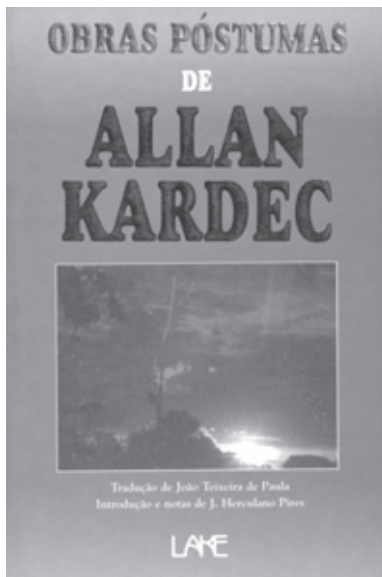
Trecho de Obras Póstumas:

“Obsessão é domínio que os maus Espíritos exercem sobre algumas pessoas, no intuito de submetê-las à sua vontade, por simples prazer de fazer o mal. Quando um Espírito bom ou mau quer influir sobre um indivíduo, envolve-o, por assim dizer, com o seu perispírito, como se fosse um manto.

Os fluidos se interpenetram, os pensamentos e as vontades dos dois confundem-se e o espírito pode então servir-se daquele corpo como se fora o próprio; pode fazê-lo agir como lhe parecer, falando, escrevendo, desenhando, tal como um médium”.

Em 1859, dois anos após a publicação de O Livro dos Espíritos, chegou a ser publicado o livro O que é o Espiritismo, escrito e

publicado por Kardec. É um livro pequeno, que está relacionado ao primeiro e apresenta respostas às principais objeções que podem ser apresentadas.



Obras Póstumas (Lake editora)

O espiritismo e a ciência

Se os fenômenos espíritas se limitassem ao círculo de seus seguidores, a opinião geral poderia ver neles simples artigos de fé, sem maiores conseqüências de interesse geral. Mas a verdade é que esses fenômenos se multiplicaram, em uma sucessão sempre audaz e desafiadora. O expediente de proibições e excomunhões se tornava ineficaz, desacreditado e ingênuo diante da avalanche de fenômenos variados, como vozes misteriosas, contato de mãos invisíveis, materializações de espíritos, escritas diretas, aparições de espíritos familiares, revelações de uma vida superior e mais bela etc., atestando a inquestionável sobrevivência da alma.

Era natural que, em face do volume de tantos fatos, a sociedade requisitasse o exame consciencioso de seus sábios e cientistas. Estes então, acossados por todos os lados, descruzaram os braços e se puseram a campo para uma investigação rigorosa e fria. A ciência, representada por um grupo de personalidades sérias e refratárias a imposições

religiosas, foi chamada a depor e o fez de tal forma que o Espiritismo foi, por assim dizer, devidamente fotografado, pesado e medido.

A palavra dos cientistas

Coube a Willian Crookes, o célebre físico inglês, chamar a atenção de toda a Europa racionalista para a realidade dos fatos espíritas. Muitos esperavam que, de suas investigações, viesse uma condenação irrevogável e humilhante, mas o veredito do eminente sábio foi favorável. A cética Inglaterra se assustou com as certezas obtidas dentro do mais severo método científico e cercadas de extrema prudência, afinal, era preciso aceitá-las, uma vez que Crookes pesquisou com frieza, observou pacientemente, fotografou, provou, contraprovou e se rendeu.

Russel Wallace, físico naturalista considerado rival de Charles Darwin, confes-



Willian Crookes

sou que “era um materialista tão convicto que não admitia absolutamente a existência do mundo espiritual”. Disse ainda: “Os fatos, porém, são coisas pertinazes, eles me obrigam a aceitá-los como fatos”. Já Cromwel Varley, engenheiro descobridor do condensador elétrico, disse: “O ridículo que os espíritas têm sofrido não parte senão daqueles que não têm o interesse científico e a coragem de fazer algumas investigações antes de atacarem aquilo que ignoram”.

Para Oliver Lodge, físico e membro da Academia Real, os cientistas não vieram “anunciar uma verdade extraordinária, nenhum novo meio de comunicação, apenas uma coleção de provas de identidade cuidadosamente colhidas”. Lodge explica ainda o porquê de afirmar que as provas foram cuidadosamente colhidas, dizendo que “todos os estratagemas empregados para sua obtenção foram postas em prática e não fiquei com nenhuma dúvida da existência e sobrevivência da personalidade após a morte”.

O professor de física William Barrett afirmou que a existência de um mundo espiritual, a sobrevivência após a morte e a comunicação dos que morreram são evidentes. “Dos que ridicularizavam o Espiritismo, ninguém lhe concedeu, que eu saiba, atenção refletida e paciente. Afirmando que toda pessoa de senso que consagrar o seu estudo prudente e imparcial tantos dias ou mesmo tantas horas, como muitos de nós têm consagrado anos, será constringido a mudar de opinião”, disse.

Fredrich Myers, da Sociedade Real de Londres, disse: “Pelas minhas experiências, convenci-me de que os pretendidos mortos podem se comunicar conosco e penso que, para o futuro, eles poderão fazê-lo de modo mais completo”. Já o italiano Ernesto Bozzano, que se dedicou por mais de 30 anos aos estudos psíquicos, afirmou, sem temer estar equivocado, “que fora da hipótese espírita, não existe nenhuma outra capaz de explicar os casos análogos ao que acabo de expor”.

Uma nova ciência

Houve até quem fundasse uma nova ciência, com o objetivo exclusivo de verificar a autenticidade dos fatos supranormais. Um desses homens foi Charles Richet, o criador da metapsíquica. Para ele, ao ler, estudar e analisar os escritos sobre os fenômenos espíritos, pode-se declarar inverossímil e até impossível que homens ilustres e probos tenham se deixado enganar por fraudadores. “Eles não poderiam ser todos e sempre bastante cegos para não se aperceberem de fraudes que deveriam ser grosseiras, bastante imprudentes para concluir quando nenhuma conclusão era legítima, bastante inábeis para nunca, nem uns nem outros, fazerem uma só experiência irreprovável. A priori, suas experiências merecem ser meditadas seriamente”, afirmou Richet.

Já Gustavo Geley, diretor do Instituto Metapsíquico de Paris, um cientista exigente e de poderosa inteligência, disse ser preciso confessar que “os espiritistas dispõem de

argumentos formidáveis. O Espiritismo só admite fatos experimentais com as deduções que eles comportam”. Segundo ele, “os fenômenos espíritas estão solidamente estabelecidos pelo testemunho concordante de milhares e milhares de pesquisadores. Foram fiscalizados, com todo o rigor dos métodos experimentais, por sábios ilustres de todos os países. Sua negação pura e simples equivale hoje a uma declaração de falência”.

Como um estudioso honesto, Geley dá este admirável testemunho: “Notemos imediatamente que não há exemplo de um sábio que tenha negado a realidade dos fenômenos depois de estudo um tanto aprofundado. Ao contrário, numerosos são aqueles que, partindo de completo ceticismo, chegam à afirmação entusiástica”.

Camille Flammarion, grande astrônomo, autor de tantas obras notáveis e respeitado como uma das maiores inteligências da França no século XIX, trouxe igualmente um depoimento insuspeito sobre os fenômenos es-

píritas. Para ele, “a negação dos cétricos nada prova senão que os negadores não observaram os fenômenos”.

O fenômeno mediúnico é uma ocorrência tão antiga quanto o homem. Por ser a mediunidade uma faculdade inerente ao ser humano, ela tem se manifestado em todas as épocas, ocasionando espanto, respeito e manifestações religiosas.

O Espiritismo divide os fenômenos mediúnicos em efeitos físicos ou objetivos e efeitos intelectuais ou subjetivos. Como efeitos físicos ou objetivos, temos a materialização, a transfiguração, a levitação, o transporte, a bilocação, a voz direta, a escrita direta,



Charles Richet

a tiptologia e a sematologia. Como efeitos intelectuais ou subjetivos, temos a inspiração, a intuição, a clarividência, a clariaudiência, a psicometria, a psicografia, a psicofonia e os fenômenos de cura.

O Espiritismo e a metapsíquica

A ciência oficial não admitiu de pronto as verdades reveladas pelos espíritos. Formaram-se inúmeras associações, sociedades e comissões com o ideal de desmascará-las, porém, quanto mais se estudava, mais aumentava o número de adeptos.

Muitos homens de ciência se convenceram a respeito da autenticidade dos fenômenos, entre eles o fisiologista francês Charles Richet. Em conjunto com o dr. Geley e o prof. Fredrich Myers, Richet fundou o Instituto Metapsíquico Internacional em Paris, sendo designado como presidente da entidade.

A metapsíquica trata do estudo dos fenômenos psíquicos anormais, como a telepatia, a clarividência, a dupla visão, materializações etc. Em 1922, Charles Richet apresentou à Academia de Ciências o “Tratado de Metapsíquica”.

Os fenômenos metapsíquicos se dividem em objetivos e subjetivos. A metapsí-

quica objetiva trata de fenômenos materiais que a mecânica conhecida não explica, uma realidade tangível e acessível aos nossos sentidos.

Divide-se em telecinesia, que é uma ação mecânica sem atuação e sem contato sobre objetos ou pessoas (raps, levitação, movimentação de mesas, escrita direta, transporte de objetos, casas assombradas etc.), e ectoplasmia, que é a formação de objetos diversos, que parecem sair do corpo humano, tomam aparência material e são tangíveis (materializações de objetos e seres com aparência dos que já viveram na Terra).

Já a metapsíquica subjetiva trata de fenômenos mentais, sensibilidades ocultas e percepções desconhecidas, como telepatia, clarividência, clariaudiência, xenoglossia, escrita automática etc. Nela, temos a crip-testesia, que é o estudo da faculdade de conhecimento diferente das faculdades sensoriais normais.

O Espiritismo e a parapsicologia

Nos EUA, em 1930, Joseph Banks Rhine iniciou os estudos que desembocaram na estruturação de um novo ramo da ciência preocupado em estudar os fenômenos chamados “inabituais”, a parapsicologia. Enquanto o método da metapsíquica se baseava no aspecto qualitativo dos fenômenos e no testemunho pessoal dos que presenciavam os mesmos, a parapsicologia introduziu o método quantitativo.

Este método procura estabelecer um meio de fazer com que os fenômenos se reproduzam sob determinadas condições e busca seguir os padrões utilizados na metodologia científica. Esta se serve de métodos que possam ser testados, repetidos e confirmados e, por ela, devem ser descobertas a causa e a lei que rege o objeto da investigação.



Joseph Rhine

Temos os fenômenos normais e paranormais. O fenômeno normal é o que se enquadra no conjunto das leis conhecidas e aceitas que governam os processos naturais. O fenômeno paranormal é inabitual, no qual não se sabe e não se domina as leis que o regem.

Todos os fenômenos paranormais são denominados como PSI, embora nem todo fenômeno paranormal seja psíquico, podendo ocorrer sobre objetos e coisas que independem do psiquismo das pessoas envolvidas na ocorrência.

Os fenômenos PSI se dividem em PSI-Gama, PSI-Kapa e PSI-Theta. Os PSI-Gama são fenômenos subjetivos que ocorrem na área intelectual do dotado e se subdividem em telepatia (comunicação direta de uma mente com outra), clarividência (percepção dos fatos do mundo físico independentemente do uso dos sentidos fisiológicos normais) e pós e pré-cognição (conhecimento imediato de fatos já acontecidos ou por acontecer, sem nenhuma

informação prévia, direta ou indireta). Os PSI-Kapa são fenômenos objetivos, materiais e de psicomesa. Por fim, alguns pesquisadores tendem a admitir uma terceira categoria de fenômenos PSI, os PSI-Theta, oriundos de mentes de seres incorpóreos.

A parapsicologia e suas correntes

A parapsicologia está dividida em três correntes: a russa, a norte-americana e a francesa. A corrente russa é eminentemente materialista dialética, onde todos os fenômenos são explicados pela matéria. O conceito espiritual é inteiramente colocado de lado e o conceito metafísico é negado.

A corrente norte-americana admite que certos fenômenos são produzidos por agentes especiais que vivem em dimensões diferentes da nossa, depois de terem vivido aqui. Já a corrente francesa mistura conceitos sobrenaturais com milagres. É a corrente católica da parapsicologia e surgiu sem o interesse da investigação, apenas para confundir e

atacar o espiritismo.

A parapsicologia já está sendo substituída por outras ciências que dão uma visão mais abrangente, como a psicobiofísica e a psicotrônica. Hoje, a ciência descreve assim a materialização de um espírito (conceito metafísico): “Forma assumida pelo bioplasma sob a ação de campos estéreo bio-energéticos oriundos de um domínio informacional remanescente de uma pessoa já falecida”.

Grandes nomes do Espiritismo



Léon Denis

Data de nascimento: 1º de janeiro de 1846

Data de desencarne: 12 de março de 1927

Local: França

Nascido em família humilde, desde cedo revelava uma inteligência fora do comum, procurando instruir-se com muito esforço e seriedade.

Homem honesto e competente, aos 18 anos já era representante comercial da empresa em que trabalhava, fazendo inúmeras viagens de trabalho até sua aposentadoria.

Teve contato pela primeira vez com a doutrina dos espíritos aos 18 anos, através de um exemplar de O Livro dos Espíritos, que adquiriu em uma livraria.

Denis foi um grande pesquisador e, apesar de no início se deparar com fraudes e mistificações, não desistiu em suas pesquisas.

Viajava pelo mundo realizando conferências e divulgando a doutrina.

No dia 02 de novembro de 1882 ocorre a manifestação de Jerônimo de Praga, o espírito encarregado de ser o seu guia em sua missão.

Em 1885, com o objetivo de divulgar ainda mais as idéias espíritas, escreve O Porquê da Vida, onde explica com bastante simplicidade e beleza o que é o espiritismo.

O livro Depois da Morte o coloca como um dos principais escritores da França naquela época.

A partir de 1910, a visão de Léon Denis, que já não era boa, foi enfraquecendo cada vez mais, mas o auxílio dos amigos nunca faltou.

Seus artigos eram publicados constantemente na Revista Espírita, fundada por Allan Kardec, principalmente no final da Primeira Guerra Mundial.

Após a guerra, praticamente cego, Denis aprende braile, o que lhe permitia continuar seus estudos e seus trabalhos como escritor.

Por volta de 1915 intensifica seu trabalho em defesa da doutrina espírita, respondendo à inúmeros ataques como presidente de honra da União Espírita Francesa.

No ano de 1927 escreve seu último artigo na Revista Espírita e, sofrendo de pneumonia, no dia 12 de março, com grande dificuldade para respirar, Denis balbucia à sua empregada: “É preciso terminar, resumir e ... concluir”. Estava se referindo ao prefácio da biografia de Kardec. Porém, apesar de sua fantástica força de vontade e amor ao ideal escolhi-

do, seu corpo dá sinais de exaustão total e às 21h, sua alma parte rumo à vida espiritual.

Trecho do livro

O Problema do ser, do destino e da dor

“A alma, depois de residir temporariamente no espaço, renasce na condição humana, trazendo consigo a herança, boa ou má, do seu passado; renasce criancinha, reaparece na cena terrestre para representar um novo ato do drama da sua vida, pagar as dívidas que contraiu, conquistar novas capacidades que lhe hão de facilitar a ascensão, acelerar a marcha para a frente.

A lei dos renascimentos explica e completa o princípio da imortalidade. A evolução do ser indica um plano e um fim. Esse fim, que a perfeição, não pode realizar-se em uma existência só, por mais longa que seja. Devemos ver na pluralidade das vidas da

alma a condição necessária de sua educação e de seus progressos. É à custa dos próprios esforços, de suas lutas, de seus sofrimentos, que ela se redime de seu estado de ignorância e de inferioridade e se eleva, de degrau a degrau, na Terra primeiramente, e, depois, através das inumeráveis estâncias do céu estrelado.



Conan Doyle

Data de nascimento: 22 de maio de 1859

Data de desencarne: 07 de julho de 1930

Edimburgo, Escócia

Arthur Conan Doyle, filho de pais católicos, soube atuar com brilhantismo em várias áreas da atividade humana.

Aluno de padres jesuítas, desde a adolescência já revelava forte inclinação literária, escrevendo vários contos. Apesar de descendência nobre, sua família não era abasta-

da, encontrando, por isso, grandes dificuldades para completar sua formação, em medicina, em 1881.

Realizou uma viagem de sete meses como médico de bordo no baleeiro Hope. De volta à Escócia, sua clientela era escassa, pois dependia de referências, geralmente fornecidas pelo clero e, apesar de ser católico, já era um conhecido questionador da igreja.

Com as dificuldades que enfrentava, resolve dedicar-se aos trabalhos literários. Aproveita as experiências de suas viagens e começa a escrever cartas narrativas.

Casa-se em 1885 com Louise Hawkins e tem dois filhos.

Em 1888 apresenta ao mundo seu trabalho literário que se tornou o mais famoso, inclusive mundialmente: as histórias do detetive Sherlock Holmes.

Sem ser político, fez várias viagens aos Estados Unidos, como representante oficial do Governo Britânico. Sempre foi um homem ativo, viajando e trabalhando para a Inglaterra,

sempre fiel à pátria e aos direitos humanos.

Foi aclamado como escritor por vários povos, recebendo do rei Eduardo VII o título de “Sir”.

Renunciou ao catolicismo e permaneceu algum tempo como materialista-deísta, ou seja, acreditava em Deus, mas, rejeitava as Revelações.

Começa a se dedicar aos estudos psíquicos e através do General Drayson, astrônomo convertido ao espiritismo, começa a se interessar pelos fenômenos espíritas.

Em junho de 1887, com colaboração do Sr. Horstead, um médium experimentado, realiza, sob severo controle, a primeira de uma série de sessões.

No dia 27 de julho de 1887, a revista Light publicou a célebre carta de Doyle. Nela, o escritor manifesta todo o seu respeito aos postulados da nova doutrina, explicando as razões de sua conversão. Se tornou um dos maiores divulgadores da doutrina espírita de sua época.



Chico Xavier

Francisco Cândido Xavier, popularmente conhecido como Chico Xavier, nasceu em Pedro Leopoldo (MG) no dia 02 de abril de 1910, data marcada pela chegada daquele que seria o propagador incansável da doutrina espírita e um dos maiores médiuns de todos os tempos. Com apenas cinco anos de idade, enfrentou a dor de perder a mãe, Maria João de Deus. No leito de morte, ela disse ao filho que não morreria, simplesmente iria para um hospital muito longe, mas voltaria. Então, o pequeno Chico foi morar com sua madrinha Rita de Cássia, como combinado, período em que enfrentou punições em virtude, principalmente, de dizer que via e conversava com “mortos”.

Passados dois anos, voltou a morar com seus oito irmãos e o pai, João Cândido Xavier, que tornou a se casar, desta vez com Cidália Batista, um “anjo salvador” que chegaria na vida de Chico, como disse sua mãe quando lhe apareceu em espírito. Realmente, a madrasta sempre o tratou e ouviu com muito

carinho. Embora não entendesse a causa das visões do menino, por ser católica, Cidália resolveu levá-lo à igreja, a fim de curar essas manifestações constantes, tidas como loucura na época. Inclusive, a madrasta sempre pedia a Chico que não contasse nada disso para seu pai, pois este estava querendo interná-lo em um sanatório para doentes mentais. Bastava comentar algo relacionado aos espíritos que o pai o levava para a igreja e o padre lhe aplicava várias penitências, como rezar mil ave-marias e seguir as procissões carregando uma pedra quase equivalente ao seu peso.

Além dos problemas causados pela mediunidade, Chico Xavier sempre ajudou no sustento da família, trabalhando desde pequenino. O primeiro emprego foi como operário de uma fábrica de tecidos, mas, devido à poeira do algodão, teve problemas no pulmão, recebendo do médico o pedido para que trocasse de local. Exerceu diversas funções ao longo da vida, trabalhando como

servente de fiação, servente de cozinha e até mesmo caixeiro de armazém. Seu último emprego, cuja aposentadoria garantiu seu sustento até o desencarne, foi de funcionário do Ministério da Agricultura, cargo que exerceu por 35 anos consecutivos.

A descoberta do Espiritismo

Como já dissemos, as manifestações mediúnicas surgiram cedo na vida de Chico Xavier e, por causa disso, ele cresceu sendo repreendido por familiares, professores, religiosos e conhecidos.

A primeira prova concreta de psicografia ocorreu na escola, durante um concurso comemorativo ao centenário da Independência do Brasil, em 1922. No momento de escrever a redação, Chico ouviu um espírito ditar o texto e, com a inocência peculiar de uma criança, comentou o fato, o que foi interpretado com o mesmo desdém de tantas

outras vezes em que disse ter contato com desencarnados. Mesmo assim, ele venceu o concurso, porém, com o objetivo de esclarecer a dúvida sobre se havia copiado as palavras de algum livro ou um amigo misterioso teria lhe ditado, pediram-lhe que fosse à lousa para escrever sobre o tema “areia”. Logo, escreveu: “Meus filhos, ninguém escarneça da criação. O grão de areia é quase nada, mas parece uma pequenina estrela refletindo o sol de Deus”. Apesar do espanto dos colegas e da própria professora, Chico foi proibido de falar novamente do assunto.

Em 1927, o rumo dos acontecimentos começou a mudar. Uma de suas irmãs apresentou sintomas de perturbação mental e a família, desesperada com inúteis esforços médicos, pediu auxílio para um casal de amigos espíritas: José Hermínio e Carmem Pena. Com duas semanas de tratamento, a irmã estava curada. Então, depois de acompanhar todos os procedimentos, Chico começou a freqüentar a Fazenda Maquiné, que

logo se transformou no Centro Espírita Luiz Gonzaga. Recebeu de presente *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos* e, a partir daí, jamais se afastou dos ensinamentos da doutrina.

Emmanuel, o mentor espiritual que o acompanhou desde a infância, só passou a ser percebido 20 anos depois, em uma das reuniões na fazenda. Dona Carmem ouviu nitidamente uma voz, que se identificou como ele, pedindo lápis e papel, pois ditaria uma mensagem. Desde então, o mentor e companheiro inseparável nunca mais abandonou o médium mineiro.

Em entrevista à publicação da FEESP (Federação Espírita do Estado de São Paulo) sobre os seus 60 anos de mediunidade, Chico Xavier falou: “Tive três períodos distintos em minha vida mediúnica. O primeiro, de completa incompreensão para mim, é aquele dos cinco anos de idade, quando via minha mãe me proteger, até os 17, quando a doutrina espírita penetrou em nossa casa. O segundo,

de 1928 a 1931, no qual psicografei centenas de mensagens que os benfeitores espirituais, mais tarde, determinaram que fossem inutilizadas porque, na opinião deles, elas eram apenas esboços de exercícios. O terceiro período começou com a presença de nosso abnegado Emmanuel, que, em 1931, assumiu o encargo de orientar todas as atividades mediúnicas até agora”.

Obras literárias

O início das produções psicográficas ocorreu em 1927, porém, atendendo a um pedido de Emmanuel, as mensagens recebidas até 1931 foram inutilizadas, pois tinham o objetivo de treiná-lo.



Em 1932, a Federação Espírita Brasileira (FEB) lançou o primeiro livro, *Parnaso de Além-Túmulo*, uma coletânea de poemas mediúnicos de grandes escritores, como Castro Alves, Casemiro de Abreu, Olavo Bilac, Augusto dos Anjos, Manuel Quintão, Arthur Azevedo, entre outros. O fato causou um grande furor por todos os cantos, questionava-se como um homem de tão pouca instrução, semi-analfabeto, podia produzir tal obra. Apenas a espiritualidade explicaria tamanho fenômeno. A FEB ficou anos sem publicar outras obras, alegando cautela doutrinária. Em decorrência disso, Chico Xavier enfrentou muitas dificuldades para colocar os livros psicografados em circulação, mas, felizmente, as publicações foram retomadas mais tarde e se consagraram mundialmente.

Chico era um homem de pouca instrução esco-



Emmanuel

lar, mas isso não o impediu de psicografar textos de diversos autores, entre eles, André Luiz, Emmanuel, Auta de Souza, Bezerra de Menezes, Meimei e Humberto de Campos. As mensagens deste último, inclusive, desencadearam problemas jurídicos envolvendo sua família, que entrou com processo visando receber direitos autorais. No entanto, o juiz encarregado de decidir o caso declarou que os mortos não possuíam direitos e, portanto, a família não deveria receber nada. Para evitar maiores problemas depois do fato, Humberto de Campos passou a assinar suas psicografias como “Irmão X”.

Durante tantos anos de trabalho, críticas e dificuldades também fizeram parte da história de Chico Xavier. Entretanto, com humildade e resignação, ele jamais teceu um comentário sequer contra calúnias ou difamações, nem mesmo com relação às denúncias de desvio de verbas ou agressões físicas envolvendo seu filho adotivo, o dentista Eurípedes Humberto Higino dos Reis, e sua nora.

A vasta obra mediúnica, dirigida pelo iluminado espírito de Emmanuel, consolidou a divulgação do evangelho de Jesus e deu continuidade às obras de Allan Kardec, o codificador do Espiritismo. No final da década de 50, Chico se mudou para Uberaba (MG) por motivos de saúde. No Grupo Espírita da Prece, criado na cidade, recebeu o maior número de mensagens de caráter científico, filosófico e doutrinário. Além disso, as obras psicografadas por ele foram transformadas em peças de teatro e filmes. O médium mineiro, inclusive, chegou a fazer uma participação especial na novela *O Profeta*, de Ivani Ribeiro, na extinta TV Tupi.

Chico Xavier sofreu em silêncio durante anos. Constituído por um corpo frágil e debilitado, apresentou diversos problemas de saúde ao longo da vida. Tinha angina, que enfraqueceu sua resistência física, agravada por pneumonias e problemas cardíacos, crises de labirintite, glaucoma, que o deixou cego de um olho, dificuldades para se locomover e



Chico em uma de suas inúmeras visitas aos doentes



falar etc. Há algum tempo, ele recebia cuidados especiais do médico particular e amigo Eurípedes Tahan e de enfermeiros. Sempre com um ar de tranqüilidade estampado na face e uma palavra de conforto para qualquer pessoa que o procurasse, Chico resistiu bravamente até os seus últimos dias, com uma inigualável abnegação em favor do próximo. Cumpriu bem os postulados espíritas de “amar ao próximo como a ti mesmo” e de que “fora da caridade, não há salvação”.

Sem sombra de dúvida, sua presença deixará saudades, porém, seu exemplo de caridade permanecerá vivo na memória de todos nós. Por mais que se fale sobre essa figura doce e meiga que foi Chico Xavier, não é possível traduzir em palavras o bem imenso que ele proporcionou para toda a humanidade.

O desencarne

Em 30 de junho de 2002, um domingo no qual o Brasil inteiro vivia a euforia da conquista do quinto título mundial pela seleção

brasileira de futebol, partia para o plano espiritual um dos maiores exemplos de paz, caridade e amor: Chico Xavier. Sem dúvida alguma, o planeta sentirá a ausência de sua presença física radiante de luz, porém, ele permanecerá instruindo e confortando um número incalculável de corações através do tesouro literário que deixou para a humanidade, um acervo com mais de 400 obras psicografadas, entre romances, poesias e livros doutrinários, além de milhares de cartas de desencarnados para seus parentes.

Segundo relatos de amigos e pessoas próximas ao médium mineiro, após um dia de rotina, ele jantou ao anoitecer, pediu café quente e foi para o seu quarto. Então, deitou-se e, dez minutos depois, teve uma parada cardíaca. Chegava ao fim a jornada de Chico na Terra, na qual dedicou grande parte de seus 92 anos de vida em favor do próximo. Homem de corpo franzino e aparentemente frágil, com sérios problemas de saúde, levou o consolo aos desesperados e o conhecimento

por meio das obras psicografadas até o fim de seus dias. Considerado o maior divulgador do Espiritismo no Brasil e no mundo, foi um exemplo de fé e caridade. No entanto, sua maior missão talvez tenha sido exemplificar à humanidade como o amor pode transformar tristeza em coragem, uma lágrima em sorriso de esperança, o trabalho em alimento tanto para o corpo como para o espírito.

Tido como um fenômeno editorial, movimentou milhões com as vendas dos livros psicografados, muitos deles traduzidos para outros idiomas. Mesmo assim, sempre viveu de maneira modesta, apenas com sua pequena aposentadoria, por estar ciente de que as obras não lhe pertenciam. Dessa forma, doou todos os direitos autorais para obras sociais mantidas por diversas entidades.

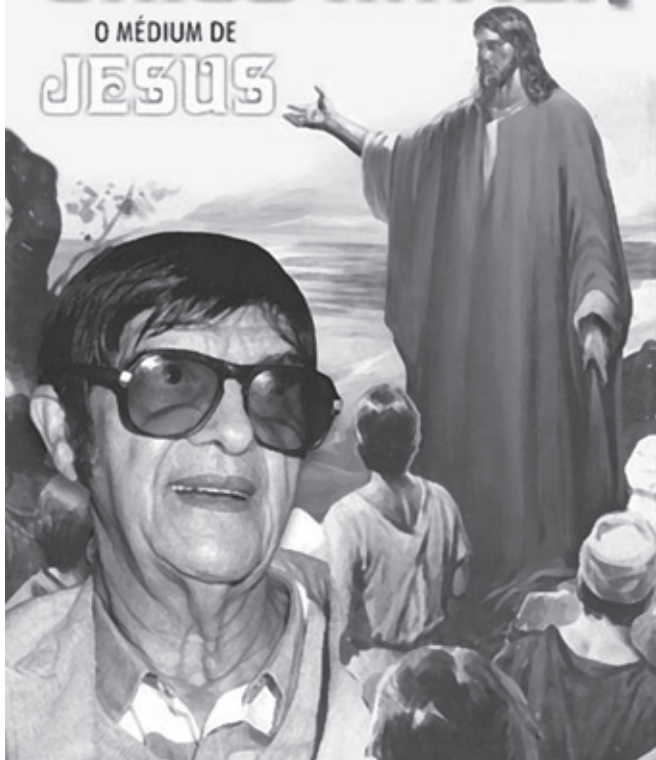
Tamanha dedicação à humanidade rendeu a Chico Xavier muitas homenagens, difíceis até de enumerar. A que mais se destacou foi a indicação ao Prêmio Nobel da Paz de 1981, promovida pelo já desencarnado

diretor de televisão Augusto César Vanucci e pelo então deputado federal Freitas Nobre. Embora a candidatura não tenha obtido sucesso, a imagem que permanecerá com o público, espírita ou não, é a de um homem que transmitiu o amor e a caridade sem se importar com glórias ou nomeações.

CHICO XAVIER

O MÉDIUM DE

JESUS



Resumo da doutrina espírita contida na introdução de O Livro dos Espíritos

“Os próprios seres que se comunicam se designam, como o dissemos, sob o nome de espíritos ou de gênios, e como tendo pertencido, pelo menos alguns, a homens que viveram sobre a Terra.

Constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante a nossa vida, o mundo corporal.

Resumimos assim, em poucas palavras, os pontos mais importantes da doutrina que eles nos transmitiram, a fim de responder mais facilmente a certas objeções.

Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.

Criou o Universo que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal e os seres imateriais o mundo invisível ou espírita, quer dizer, dos espíritos.

O mundo espírita é o mundo normal,

primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente de tudo.

O mundo corporal não é senão secundário; poderia cessar de existir, ou não ter jamais existido, sem alterar a essência do mundo espírita.

Os espíritos revestem, temporariamente, um envoltório material perecível, cuja destruição, pela morte, os torna livres.

Entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos espíritos que atingiram um certo grau de desenvolvimento, o que lhe dá a superioridade moral e Intelectual sobre os outros.

A alma é um espírito encarnado, do qual o corpo não é senão um envoltório.

Há no homem três coisas: 1º - o corpo ou ser material análogo aos dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º - a alma ou ser imaterial, espírito encarnado no corpo; 3º - o laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o espírito.

O homem tem assim duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, dos quais tem o instinto; pela alma, participa da natureza dos espíritos.

O laço ou perispírito que une o corpo e o espírito é uma espécie de envoltório semi-material. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro, o espírito conserva o segundo, que constitui para ele que um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode, acidentalmente, tornar-se visível e mesmo tangível, como ocorre no fenômeno das aparições.

O espírito não é assim um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber, é um ser real, circunscrito, que, em certos casos, é apreciado pelos sentidos da **visão, audição e tato.**

Os espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais nem em força, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade.

Os da primeira ordem são os espíritos

superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua aproximação de Deus, a pureza de seus sentimentos e seu amor ao bem; são os anjos ou espíritos puros. As outras classes se distanciam cada vez mais dessa perfeição; o das classes inferiores são inclinados à maioria das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc.; eles se comprazem no mal. Entre eles há os que não são nem muito bons nem muito maus, mais trapalhões e importunos que maus, a malícia e as inseqüências parecem ser sua diversão: são os espíritos estouvados ou levianos.

Os espíritos não pertencem perpetuamente à mesma ordem. Todos progridem, passando por diferentes graus de hierarquia espírita.

Esse progresso ocorre pela encarnação, que é imposta a uns como expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova que devem suportar por várias vezes, até que hajam alcançados a perfeição absoluta.

É uma espécie de exame severo ou depurador, de onde eles saem mais ou menos purificados.

Deixando o corpo, a alma reentra no mundo dos espíritos, de onde havia saído, para retornar uma nova existência material, depois de um lapso de tempo ou mais ou menos longo, durante o qual permanece no estado de espírito errante.

O espírito, devendo passar por várias encarnações, disso resulta que todos tivemos várias existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja sobre a Terra, seja em outros mundos.

A encarnação dos espíritos ocorre sempre na espécie humana: seria um erro acreditar que a alma ou espírito possa se encarnar no corpo de um animal.

As diferentes existências corporais do espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas; mas a rapidez do progresso depende dos esforços que fazemos para atingir a perfeição.

As qualidades da alma são as dos espíritos que está encarnado, em nós; assim, o homem de bem é a encarnação do bom espírito, e o homem perverso a de um espírito impuro.

A alma tinha sua individualidade antes da sua encarnação e a conserva depois da sua separação do corpo.

Na sua reentrada no mundo dos espíritos, a alma aí reencontra todos aqueles que conheceu sobre a Terra, e todas as sua existências anteriores se retratam em sua memória com a lembrança de todo o bem e de todo o mal que fez.

O espírito encarnado está sob a influência da matéria; o homem que supera essa influência pela elevação e depuração de sua alma, se aproxima dos bons espíritos com os quais estará uma dia. Aquele que deixa dominar pelas más paixões e coloca toda a sua alegria na satisfação dos apetites grosseiros, se aproxima dos espíritos impuros, dando preponderância à natureza animal.

Os espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo.

Os espíritos não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda a parte, no espaço e ao nosso lado, nos vendo e nos acotovelando sem cessar; é toda uma população invisível que se agita em torno de nós.

Os espíritos exercem, sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento, e constituem uma das forças da Natureza, causa diferente de uma multidão de fenômenos, até agora inexplicados, ou mal explicados, e que não encontram uma solução racional senão no Espiritismo.

As relações dos espíritos com os homens são constantes. Os bons espíritos nós solicitam par o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação; os maus nos solicitam ao mal; é para eles uma alegria nos ver sucum-

bir e nos assemelharmos a eles.

As comunicações dos espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas ocorrem pela influência, boa ou má, que eles exercem sobre nós com o nosso desconhecimento; cabe ao nosso julgamento discernir as boas e más inspirações. As comunicações ostensivas ocorrem por meio da escrita, da palavra, ou outras manifestações materiais, e mais freqüentemente por intermédio dos médiuns que lhes servem de instrumento.

Os espíritos se manifestam espontaneamente ou por evocação. Podem-se evocar todos os espíritos: aqueles que animaram homens obscuros, como aqueles de personagens mais ilustres, qualquer que seja a época na qual tenham vivido; os de nosso parentes, de nossos amigos ou de nosso inimigos, e com isso obter, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a sua situação no além-túmulo, sobre seus pensamentos a nosso respeito, assim

como as revelações que lhes são permitidos nos fazer.

Os espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os espíritos superiores se alegram nas reuniões serias onde dominem o amor do bem e o desejo sincero de se instruir e se melhorar. Sua presença afasta os espíritos inferiores que aí encontram, ao contrário, um livre acesso, e podem agir com toda liberdade entre as pessoas frívolas ou guiadas só pela curiosidade, e por toda parte onde se encontrem os maus instintos. Longe de deles obter bons avisos ou ensinamentos úteis, não se deve esperar senão futilidades, mentiras, maus gracejos ou mistificações, porque eles tornam emprestado, freqüentemente, nomes venerados para melhor induzir ao erro.

A distinção dos bons e dos maus espíritos é extremamente fácil. A linguagem dos espíritos superiores é constantemente digna, nobre, marcada pela mais alta moralidade, livre de toda paixão inferior, seus conselhos

exaltam a mais pura sabedoria, e tem sempre por objetivo nosso progresso e o bem da Humanidade. A dos espíritos inferiores, ao contrário, é incoseqüente, freqüentemente trivial e mesmo grosseira; se dizem por vezes coisas boas e verdadeiras, mais freqüentemente, dizem coisas falsas e absurdas, por malícia ou por ignorância. Eles se divertem com a credulidade e se distraem às custas daqueles que os interrogam, se vangloriando da sua vaidade, embalando seus desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na total acepção da palavra, não ocorrem senão nos centros sérios, naqueles cujos membros estão unidos por uma comunhão de pensamentos para o bem.

A moral dos espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: “Agir para com os outros como quereríamos que os outros agissem para conosco”; que dizer, fazer o bem e não fazer o mal. O homem encontra neste princípio a regra universal de conduta para as suas me-

nores ações.

Eles no ensinam que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade, são paixões que nos aproximam da natureza animal e nos prendem a matéria; que o homem que, desde este mundo, se desliga da matéria pelo desprezo das futilidades mundanas, e pelo amor ao próximo, se aproxima da natureza espiritual; que cada um de nós deve se tornar útil segundo suas faculdades e os meios que Deus colocou entre sua mãos para o provar; que o forte e o poderoso devem apoio e proteção ao fraco, porque aquele que abusa de sua força e do seu poder, para oprimir seu semelhante, viola a lei de Deus. Ensinam, enfim, que, no mundo dos espíritos, nada podendo ser oculto, o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas descobertas, que a presença inevitável, e de todos instantes, daqueles para com os quais agimos mal, e um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e de superioridade dos espíritos são fixados penas e gozos

que nos são desconhecidos sobre a Terra.

Mas eles nos ensinaram também que não há faltas irremissíveis, e que não possam ser apagadas pela expiação. O homem encontra o meio, nas diferentes existências, que lhe permite avançar, segundo seu desejo e seus esforços, na senda do progresso e na direção da perfeição que é seu objetivo final.



EDITORA
escala
www.escala.com.br

Editora Escala
Av. Prof. Ida Kolb, 551 - Casa Verde -
CEP 02518-000 - São Paulo - SP
Telefone: (0xx11) 3855-2100
Fax: (0xx11) 3857-9643
Caixa Postal 16.381 -
CEP 02599-970 - São Paulo - SP

Presidência: Hercílio de Lourenzi
Vice-presidência: Mário Florêncio Cuesta
Diretor Comercial: André Blumberg
Diretor Financeiro: Jack Blumen
Direção comercial e marketing: Paulo Afonso de Oliveira
Gerente Editorial: Sandro Aloísio
Coordenação de produção editorial: Priscilla Mara Ribeiro,
Angelo Di Martino e Lígia Puosso
Controle de qualidade (texto): Ciro Mioranza, Maria Nazaré
Baracho e Jorge Mazieri
Circulação: Jane Cristina da Silva
Atendimento ao leitor: atendimento@escala.com.br
Coordenação: Anne Villar
Conselho Editorial: Amélia Pessoa, André Lima, Carlos Gonçalves,
Carlos Mann, César Nemitz, Eddie Van Feu, Fábio Kataoka, Franco
de Rosa, Marcos Evandro, Marques Rebelo, Moacir Costa, Moacir
Torres, Paulo Fernandes, Paulo Paiva, Pricila Del Claro, Renata
Del Claro, Renato Rodrigues, Rick Mann, Robson Oliveira, Rosana
Braga, Rosely Ribeiro e Victor Rebelo

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR

BRASIL: (11) 3855-1000. atendimento@escala.com.br
Edição nº 01, ISSN XXXXXX - Distribuição com exclusividade para
todo o Brasil, Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. Rua Teodoro
da Silva, 907 (21) 3879-7766. Edições anteriores podem ser solici-
tadas ao seu jornalista ou na central de atendimento ao leitor
(11) 3855-1000 ou pelo site www.escala.com.br ao preço da
última edição, acrescido dos custos de postagem.

Disk Banca: Sr. jornalista, a Distribuidora Fernando Chinaglia
atenderá os pedidos das edições anteriores da Editora Escala
enquanto houve estoque.

IMPRESSÃO: Oceano Ind. Gráfica (11) 4446-6544

Filiada à **ANER**